

Andrei SCRIDON
(Universidade Babeş-Bolyai,
Cluj-Napoca)

**Crise financeira e crise identitária
na literatura portuguesa
contemporânea: o caso do romance
“Índice médio de felicidade”,
de David Machado**

“Pense num país que saiu há algumas décadas de uma ditadura, depois experimentou um período de bonança económica e que, nos anos 2010, depara-se com crise económica, alta no desemprego, descrença e crise de identidade nacional. Pensou no Brasil? Pois eu falava de Portugal.” (Reginaldo Pujol Filho)

Abstract (Financial and Identitarian Crises in Contemporary Portuguese Literature: The Case of “Índice médio de felicidade” by David Machado) The 2008 financial crisis had a profound impact across all aspects of life and all fields of activity, eventually making its way into literature. In Portugal – one of the countries most affected – it represented the culmination of a series of crises that had swept the nation in recent years: social, political, and identitarian. It reopened old wounds and instilled a sense of hopelessness and a loss of perspective. The novel “Índice médio de felicidade” [“Average Happiness Index”] by David Machado stands out not only as a cinematic account of these crises, but also as a narrative of the characters’ struggle and resilience in their quest to improve the shelf life of their happiness. This study focuses not only on how these crises are reflected in the novel, but also on its translation into Romanian, examining the techniques used by the translator, including context control, and to convey the anguish, the struggle for optimism, and the pursuit of happiness – feelings that Romanian readers are all too familiar with. The analysis adopts an interdisciplinary perspective, in line with the novel’s own interdisciplinary nature. The translator took into consideration the similarities between the two peoples – particularly in terms of mentality and historical background – in order to make the novel more accessible and emotionally resonant for the target audience.

Keywords: *crisis; traductology; Bildungsroman; happiness; identity*

Resumo: A crise financeira de 2008 teve um impacto profundo em todos os sectores da sociedade e em todas as áreas, e acabou por se fazer sentir também na literatura. Em Portugal, um dos países mais afetados, foi apenas o culminar de uma série de crises que tinham assolado o país nos últimos anos: sociais, políticas e identitárias. Esta crise reabriu feridas antigas e instalou um sentimento de desespero e de perda de perspetiva. O romance *Índice Médio de Felicidade*, de David Machado, destaca-se não só como um relato quase cinematográfico de todas estas crises, mas também como um testemunho da luta e da resiliência das personagens na sua busca por melhorar o seu índice de felicidade. O estudo não se centra apenas na forma como estas crises se refletem no romance, mas também na tradução da obra para o romeno, e nas técnicas utilizadas pela tradutora (incluindo o controlo contextual) e revelar a angústia, a luta pelo otimismo e a procura da felicidade — sentimentos bem familiares ao público romeno. A tradutora teve em conta as semelhanças entre os dois povos, no que diz respeito à mentalidade e à história, de modo a tornar o romance cativante para o público-alvo.

Palavras-chave: *crise; tradutologia; Bildungsroman; felicidade; identidade.*

1. Contexto social e económico

Após a crise financeira global de 2007-2008, alguns países foram obrigados a pedir assistência externa. Portugal foi um destes países. Em abril de 2011, o governo português pede assistência externa e, em maio de 2011 a “troika” constituída pelo Fundo Monetário Internacional, a Comissão Europeia e o Banco Central Europeu interveio e aprovou um pacote de salvamento financeiro. Este pacote impunha um conjunto de medidas que implicava o aumento das taxas diretas e indiretas, a supressão do apoio social, um aumento exponencial de cortes salariais na administração pública (Guerra 2020, 16). Tudo isto conduziu à diminuição do consumo público e privado (e, portanto, a um poder aquisitivo muito baixo) e uma forte diminuição de investimentos, cujos efeitos se traduziram em quebras e desemprego (Dias & Marques 2019). Para a população em geral, todas estas medidas passaram a ser reduzidas numa única palavra: austeridade (Feixa & Nofre 2013).

O programa de salvamento financeiro acabou em maio de 2014 e o país conseguiu completar o seu ajustamento ao longo de um período de três anos. Não obstante, além dos resultados e dos méritos deste programa, existe uma perceção generalizada dos enormes sacrifícios exigidos à sociedade portuguesa e à economia portuguesa (Guerra 2020, 16). Registaram-se alguns progressos na consolidação orçamental e no défice externo, mas também houve retrocessos significativos na criação da riqueza, no emprego e no rendimento, bem como um aumento do nível de pobreza e de desigualdade social.

Tudo isto criou uma consciência das fragilidades estruturais da economia nacional e levou a uma revisão da atitude da população em relação à integração europeia. A condicionalidade do programa de assistência financeira significou que todas as decisões relevantes tinham de ser aprovadas por Bruxelas, Frankfurt e Washington, impondo uma enorme limitação a soberania de uma das nações mais antigas do mundo (Guerra *ibidem*). A questão moral era – será que os portugueses estão a pagar o preço de terem vivido acima das suas possibilidades durante os últimos anos? Que lições podiam ser retiradas? Quem são os portugueses agora, em comparação com os seus antepassados e o glorioso passado do país?

A realidade social daquela época ficou refletida na arte, sobretudo na música e na literatura. Num estudo realizado por Paula Guerra (2020), analisando 16 canções da época, foram identificados vários sentimentos como, por exemplo, revolta, desânimo, frustração, pessimismo e desespero. Muitos dos versos destas canções recorrem a recursos linguísticos como a ironia para salientar a desconstrução da realidade social portuguesa, a cultura do “mal menor” e a condição juvenil (precariedade e dependência).

2. O romance “Índice Medio de Felicidade” – um *Buildungsroman* numa época de crise

Neste contexto surge o romance de David Machado, publicado em 2013, no auge da crise económica. A narrativa acompanha Daniel, um homem comum que atravessa um período difícil da sua vida: perdeu o emprego; a sua mulher, também desempregada, foi-se embora com os filhos para Viana do Castelo, onde passou a trabalhar no café do pai e ele fica sozinho em Lisboa, tentando recuperar a vida que tinha anteriormente. Ao longo do romance, Daniel interroga-se sobre o significado da felicidade, questionando a ideia de que esta pode ser medida ou mantida de forma estável. O leitor é introduzido, desde o início, no “abismo preto” em que se encontra o protagonista, o qual reflete o desespero vivido naquele momento pela sociedade portuguesa: “Almodôvar, eu até vendia terrenos em Marte se fosse preciso” (Machado 2013).

O estado emocional de Daniel é acompanhado pelas clivagens e transformações que emergiram na sociedade portuguesa e que se intensificaram durante a crise económica, nomeadamente a clivagem tradicional entre as diferentes regiões do país, sobretudo entre o Norte e o Sul (Cabral 2003). No romance, Daniel permanece em Lisboa, no Centro, tentando reconstruir a sua antiga vida, enquanto a mulher e os filhos se encontram no Norte, onde existem mais oportunidades e onde a situação não parece ser tão grave. Paralelamente, a narrativa evidencia novas configurações familiares. Tal como foi observado (Pereira 2004, 91), a partir da segunda metade do século XX assistiu-se à passagem da família alargada para a família nuclear. O contexto económico agravou esta situação, culminando na fragmentação da unidade familiar: famílias separadas (Daniel, em Lisboa; Marta e os filhos, em Viana do Castelo), famílias quase monoparentais (Almodôvar, amigo de Daniel — preso; Clara, a sua mulher, absorvida pelo trabalho e emocionalmente ausente; Vasco, o filho, praticamente abandonado), indivíduos socialmente inadaptados (Xavier) e pessoas independentes que vivem num contexto confortável (Dorotea Marques, uma portuguesa residente na Suíça).

A crise económica reforçou a crise identitária, que resulta de um conflito identitário insuperável que começou no século XVIII e que teve (e continua a ter) ecos poderosos na sociedade portuguesa (Cabral 2003). Ao mesmo tempo, intensificou a busca da “essência nacional portuguesa”, prosseguida sem descanso desde a época romântica. Tal como afirmava o etnólogo Jose Dias, trata-se de “um misto de sonhador e de homem de ação [...] o Português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso, sem ser fraco” (Dias 1971, 19).

É precisamente essa fragilidade que é salientada no romance de David Machado, a par da evocação dos traumas do período fascista. Daniel, tal como o próprio autor, pertence a uma geração que apenas conheceu a ditadura salazarista através dos relatos e das memórias dos pais e dos avós. Ainda assim, a lembrança dessa época sombria persiste na memória coletiva:

“[...] há quarenta anos, este país não era nada, a ditadura sufocou-nos tanto que quase páramos de respirar e o mundo deixou de dar conta de que ali estávamos, moribundos. Depois salvámo-nos, a vida tornou a fazer sentido, voltámos a fazer parte do mapa.” (Machado, 2013)

A discrepância entre a realidade social anterior à crise e o presente doente e assustador (Guerra, 2020, p. 26) é avassaladora: a fragmentação pessoal e social exprime-se através dos diálogos entre as personagens. “Como é que o mundo mudou tanto?”, pergunta Clara a Daniel. “Quando é que nos tornámos tão fracos?”, questiona-se o protagonista, referindo-se à “época negra da nossa história, este inverno tão demorado”. O próprio acaba por admitir a sua derrota: “não sou invencível”. É o fracasso pessoal e profissional de um homem que tinha tudo planeado, que sempre deu o seu máximo (“todos os dias era o primeiro a chegar e o último a sair, a minha dedicação era absoluta.”) e cuja vida agora deixou de fazer sentido.

Torna-se, assim, visível a crise identitária de um povo que passa a submeter-se a forças externas (Bruxelas, Washington), engolindo o seu próprio orgulho — um orgulho construído ao longo de séculos de glória imperial, associado à identidade de uma das nações mais antigas do mundo.

Não obstante, mesmo rodeado por tanto pessimismo e dentro deste abismo preto, num “país que está a afundar-se depressa”, o protagonista mantém o seu otimismo, a sua humanidade, a bondade e a força para continuar a luta. Desta forma, o escritor Daniel Machado confirma a afirmação do etnólogo José Dias em relação ao carácter dos portugueses e a resiliência deles perante as vicissitudes da história. Tal como afirma o protagonista, a esperança é a única que lhe impede de morrer.

Pode-se, portanto, falar neste caso de um *Buildungsroman*, uma vez que Daniel não só mantém a sua esperança e a sua humanidade ao longo do romance, mas também há uma evolução da sua atitude, refletida na linguagem utilizada pelo autor e o uso das frases antitéticas: “Não são invencíveis” (no início do romance) e “Eu pensei: somos invencíveis” (no final da obra). Munido de otimismo, impulsionado pelo desejo de criar uma ponte com os filhos dele (o eterno conflito entre gerações) ele realiza um percurso que se transforma numa viagem de autoconhecimento, uma viagem marcada por deslocações geográficas e simbólicas. Não é coincidência que a Suíça seja o primeiro país cujo índice medio de felicidade é revelado no romance, sendo também o país onde reside Dorotea Marques. A Suíça foi um dos principais países de destino para milhares de portugueses em busca de uma vida melhor, durante as décadas de 1960 e 1970. A própria Dorotea Marques é a encarnação do mito do sucesso alcançado fora de Portugal e a figura do português que leva uma vida confortável no estrangeiro, mas que, ainda assim, enfrenta limitações (no seu caso, trata-se de limitações físicas).

O percurso de Daniel é a expressão da experiência coletiva de um país confrontado com a perda da estabilidade, de referências identitárias, um país obrigado a abandonar um passado glorioso e a “engolir o seu orgulho”. Um povo cujos defeitos “podem ser as suas virtudes e as virtudes os seus defeitos, conforme a égide do momento” (Dias 1971, 19). No caso de Daniel, o final é feliz, mas não é definido,

sublinhando desta forma a ideia a felicidade não é um ponto de chegada ou um índice estável, senão um caminho irregular, com altos e baixos.

3. Recursos linguísticos utilizados no romance

No que diz respeito à linguagem, tal como foi reparado por Reginaldo Pujol Filho no prefácio do romance, David Machado apropria-se da linguagem coloquial de Lisboa, da fala cotidiana, com gírias e expressões diárias, apresentando um “português de telemóveis, com ecrã tátil”, mas ao mesmo tempo utiliza a linguagem culta para recorrer à história recente como referência para entender e abordar o presente. Trata-se de uma mistura entre a linguagem juvenil, moderna e pós-moderna, e a linguagem elevada e cuidada, utilizando até frases filosóficas ou ensinamentos valiosos, o que atribui uma inesperada autenticidade ao romance.

Portanto, por um lado o autor usa:

- linguagem coloquial típica de Lisboa: a palavra *puto* que significa “indivíduo miserável” e usa-se num sentido derogatório, mas que em Lisboa também se usa para miúdos e adolescentes.
- linguagem juvenil (o português dos telemóveis): “*qrs vr m ndt?*” (“*queres ouvir uma anedota?*”)
- estilo anticalófilo: (o uso de palavras como *puto*, *cabrão*, *merda* etc.)
- recurso às temas modernas (drogas, homofobia)

Por outro lado, de maneira a combinar muito bem com o acima-mencionado, David Machado usa:

- future é a mesóclise (“recusar-te-ias”). Importa salientar que tanto o futuro, como a mesóclise são preferencialmente usadas na linguagem cuidada e no registo formal.
- oximoros (“corromper com a sua humanidade”)
- estilo calófilo (uso de frases atentamente construídas, quase filosóficas: “os dias deste mundo ainda são feitos de luz”)

Tal como no estudo realizado por Paula Guerra, onde foi identificada a ironia nos versos de várias canções, Daniel Machado usa a ironia para criticar a ideologia espalhada da felicidade na atualidade:

“Descobri uns vídeos na net. Um homem a explicar o caminho para a felicidade. Ele fala no Sidarta. E eu quero aprender. [...] Quem é que aquele homem naquele vídeo sobre a felicidade pensa que é para entrar com as suas palavras na cabeça do meu filho. Estas pessoas. Há vinte anos, estas pessoas estavam fechadas nas suas casas, perdidas num lugar qualquer deste planeta, aos gritos talvez, mas as suas vozes não tinham força para atravessarem sequer as paredes. A internet mudou tudo.” (Machado, 2013)

A mensagem é muito clara: quando o mundo está quase a desmoronar-se, é possível utilizar a procura da felicidade como meio para restabelecer a esperança na vida quotidiana (Magalhães et al 2024, 48). Ser feliz torna-se a nova normalidade, advertem os autores. A felicidade tornou-se numa ciência recorrendo a índices para a medi e para fazer classificações. No entanto, tal como foi referido anteriormente, a busca da felicidade é um processo em desenvolvimento contínuo, e a felicidade própria não é um ponto de chegada definitivo.

Repara-se igualmente a forma como o autor usa descrições de lugares ou sentimentos para assinalar o percurso que vai do desespero e do pessimismo até ao otimismo e à esperança evidenciados no final do romance. Observam-se as referências à cor preta: “abismo preto”, “essa história negra”, “este inverno tão demorado” (o inverno que é a estação da escuridão por excelência), em contraste com as imagens que surgem na parte final da obra (os dias que “ainda são feitos de luz”, “a eletricidade no meu sangue”).

4. Estratégias tradutória na versão romena do romance

O romance foi traduzido para romeno em 2022 por Veronica Manole, docente de português na Universidade “Babeş-Bolyai” de Cluj-Napoca. Durante o processo de tradução, a tradutora manteve um contacto regular com o autor para pedir-lhe informações ou esclarecimentos adicionais, sobretudo o uso da linguagem coloquial ou gírias muito marcadas.

No que respeita à tradução de palavras, este tipo de tradução constitui um desafio maior do que a tradução da linguagem comum, uma vez que exige a conversão de textos que contêm expressões vulgares, coloquias ou ofensivas, assegurando simultaneamente a preservação das suas características originais, do impacto emocional e das conotações socioculturais (Zhang & Mo 2025, 2). Os tradutores devem considerar os efeitos sociais e as dimensões ideológicas em contextos culturais específicos. Segundo Mona Baker (2006) o comportamento do tradutor influencia a construção narrativa nas culturas de chegada e uma tradução seletiva pode reformular ou desafiar enquadramentos narrativos existentes. Munday (2012, apud Zhang & Mo 2025) argumenta que o comportamento dos tradutores é condicionado tanto pela ideologia dominante da cultura de chegada, como pelas ideologias pessoais dos próprios tradutores. Neste sentido importa salientar que, no caso da sociedade romena, o paradigma mudou nos últimos anos, sobre todo no domínio das traduções de séries e filmes transmitidos nas plataformas de *streaming* (como o caso da Netflix). Se há trinta anos, predominava o uso de eufemismos com o objetivo de diminuir o impacto emocional (como ilustra o famoso caso das traduções de legendas, feitas por Irina Margareta Nistor, que ficou gravado na memória coletiva romena), atualmente observa-se uma tendência, tanto na tradução de legendas, como na tradução literária, para uma maior fidelidade ao texto de partida e à sua carga expressiva.

No caso da tradução do romance “Índice médio de felicidade” para romeno, a tradutora empregou diversas técnicas de tradução, tomando em conta o contexto

cultural e social, o que Cappelen and Dever (2019) designam “controlo contextual” (*context control*). Importa salientar que a tradutora não recorreu, em momento algum, à omissão nem ao eufemismo, optando antes para soluções que preservam a força expressiva do texto de partida.

Por exemplo, no caso do verbo *foder*, que ocorre 80 vezes no romance em diferentes formas (23 vezes no infinitivo e 57 vezes nas formas *foda*, *fodam*, *foda-se*), a tradutora recorreu sem pudor à equivalência, usando o verbo equivalente do romeno com as respetivas conjugações. Ela fez uso também da substituição cultural, de modo a tornar o discurso na língua de chegada mais natural e mais familiar ao leitor romeno. Assim, o insulto *vai foder-te* foi substituído pela expressão típica romena que se traduz por *vai para a cona da tua mãe*.

Por outro lado, no caso da palavra *merda* que ocorre 44 vezes no romance, tanto como insulto, como no sentido de *disparates*, *coisas sem importância*, a tradutora aplicou o conceito de controlo contextual, selecionando soluções mais adequadas e correntes no romeno, em função dos diferentes contextos situacionais e pragmáticos:

Em original	Tradução para romeno
Eu sei. Sou um egoísta de merda .	Știu. Sunt un egoist de căcat .
Esperança. Inveja. O sabor da comida. Esse género de merdas .	Speranță. Invidie. Gustul mâncării. Rahaturi de genul ăsta.

Observa-se que, no primeiro caso, a tradutora recorreu ao equivalente romeno da palavra *merda*, isto é *căcat*, com um impacto emocional e cultural semelhante ao da palavra portuguesa; no segundo caso, optou pela naturalização, escolhendo um sinónimo mais atenuado, *rahat*, que constitui uma opção adequada para exprimir a ideia de coisas sem importância ou *disparates*.

Como já foi referido anteriormente, a palavra *puto* é amplamente utilizada em Lisboa para designar miúdos ou adolescentes. A palavra ocorre 121 vezes no romance (48 vezes sob a forma *puto*, 73 vezes sob a forma *putos*), sendo empregado tanto como insulto, mas também como sinónimo de *miúdos*. Na segunda aceção, a abordagem da tradutora é novamente a naturalização, procurando assim aproximar o texto da cultura-alvo (ela traduz *putos* por os termos romenos equivalentes ao significado de *miúdos*):

Em original	Tradução para romeno
Lembras-te, Almodôvar? Aqueles suicídios todos quando éramos putos ?	Îți amintești, Almodôvar? Toate sinuciderile acelea când eram copii ?
Olha os putos , disse Xavier num sussurro.	Ia te uita la băieții ăștia, a șoptit imediat Xavier.

A atenção concedida ao texto-alvo e ao leitor romeno é evidenciada no excerto seguinte, no qual a tradutora, ao referir-se à argola de um dos miúdos, em vez de escolher o termo mais geral e neutro *inel*, optou pela gíria *belciug*, uma solução inédita que acrescenta expressividade e autenticidade ao registo juvenil da linguagem utilizado no romance.

Em original	Tradução para romeno
Era baixo, não parecia ter mais de doze ou treze anos [...] o cabelo rapado e uma argola grossa e dourada pendurada numa orelha, como um pirata.	Era scund, nu părea să aibă mai mult de doișpe sau treispe ani [...] capul ras și un belciug gros, auriu, într-o ureche, ca un pirat.

5. Conclusões

Com toques de *road book*, o romance “Índice Médio de Felicidade” não hesita em retratar a realidade social, económica e identitária brutais de um povo paradoxal que, como afirmava o etnólogo José Dias, é forçado a engolir o seu próprio orgulho e a reconhecer a sua fragilidade e impotência. Trata-se de um país afundado num “abismo preto”, semelhante a um inverno prolongado. No entanto, mesmo no meio desse abismo, subsistem a esperança, a humanidade e a bondade, recordando a célebre frase do escritor francês Albert Camus: “E no meio de um inverno, aprendi finalmente que havia em mim um verão invencível.”

A mensagem do romance é, não obstante, positiva: entre encontros e desencontros culturais e linguísticos, entre deslocações geográficas e simbólicas, pessimismo, desespero, fracasso profissional e pessoal, subsiste a felicidade — não como um estado permanente ou um ponto de chegada, mas como um processo aberto, intimamente ligado à nossa relação com ela e à dificuldade em aceitar a sua ausência.

O romance surpreende ainda pela combinação inédita de uma linguagem coloquial e anti-calófila com uma linguagem cuidada e um estilo esteticamente orientado para o belo, que oferece ao leitor a oportunidade de redescobrir a língua portuguesa e a sua expressividade.

A tradução do romance para romeno evidencia a engenhosidade da tradutora e a atenção concedida ao leitor do texto-alvo, constituindo um exemplo de profissionalismo nas práticas tradutória em romeno e ilustrando o novo paradigma no tratamento da tradução de palavrões e de expressões vulgares ou ofensivas.

Referências bibliográficas

- Baker, Mona. 2006. *Translation and Conflict. A Narrative Account*. London: Routledge
- Cabral, Manuel Villaverde. 2003. *Conteúdo e relevância da identidade nacional portuguesa*, in “Dados”. Volume 45, nº 3, p. 513-533
- Cappelen, H, Dever, J. 2019. *Bad language*. Oxford: Oxford Press University
- Dias, Daniel and Marques, Carlos Robalo. 2019. *Every Cloud has a Silver Lining: Cleansing Effects of the Portuguese Financial Crisis*, in “International Finance Discussion Papers 1250. Disponível em <https://doi.org/10.17016/IFDP.2019.1250> Acesso em 15 de dezembro de 2025
- Dias, José. 1971. *Estudos do carácter nacional português*. Lisboa: Junta de Investigações de Ultramar
- Feixa, C & Nofre, J. 2013. *#GeneraciónIndignada. Topías y utopías del 15M*. Lleida: Milenio Publicaciones.
- Guerra, Paula. 2020. *The Song is Still a Weapon: The Portuguese Identity in Times of Crises*, in “Sage Publications”, 28 (1), p. 14-31
- Machado, David. 2013. *Índice medio de felicidade*. Lisboa: Dom Quixote
- Machado, David. 2022. *Índice mediu de fericire*. Traducere de Veronica Manole. Cluj-Napoca: Casa Cărții de Știință
- Magalhães, L., Lopes Ferreira, M.J., Nobre, B., Pinto Onofre, J.C. 2024. *Humanistic Perspectives in Happiness Research*. Cham: Springer
- Munday, J. 2012. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications 3rd Edition*. London: Routledge
- Pereira, Helder Rodrigues. 2004. *A crise de identidade na cultura pós-moderna*, in “Mental”, ano 2, nº. 2, p. 87-98.
- Rodrigues, C.F. 2016. *Introdução ao estudo desigualdade do rendimento e pobreza em Portugal. As consequências sociais do Programa de Ajustamento*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Zhang, B., Mo, A. 2025. *Corpus-based critique of translator behaviour in rendering swear words: a case study of Chi-Chen Wang's Stories of “China at War*, in “Humanities and Social Study Communication”, number 12, <https://www.nature.com/articles/s41599-025-06120-z>. Acesso em 15 de dezembro de 2025